

# UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ANCESTRALIDADE E DA IDENTIDADE NEGRA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Susyanne Ribeiro da Silva Santos

Resumo: Este trabalho tem como foco investigar como se definem os conceitos de ancestralidade e constituição da identidade negra, em *Olhos D'água* (2014), da escritora Conceição Evaristo. Para tanto, aborda reflexões discursivas sobre identidade negra e sobre ancestralidade, focalizando, também, abordagem sobre literatura negra e, especificamente, literatura negra feminina, visto que a escritora se afirma feminista e militante do movimento negro (Lopes, 2007). A partir de leituras dos contos da obra supracitada, destaca-se a contribuição da ancestralidade para a formação identitária do sujeito representado nos contos, tomando por base teórica os autores Kabengele Munanga (1988), Leila Leite Hernandez (2008), Nei Lopes (2008); Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2011), além de outros de relevância para o debate aqui proposto.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Ancestralidade. Etnia negra.

## 1 Introdução

Resultante das discussões elaboradas na disciplina de “Literatura Afro-Brasileira” (2017), tendo como foco personalidades negras femininas, em que foram analisadas obras da escritora Conceição Evaristo, o presente trabalho tem por objetivo uma leitura de seu livro *Olhos D'água* (2014), composta de um total de quinze contos, avaliando de que maneira se dá a representação de ancestralidade e de identidade negra na obra supracitada.

Propõe-se, na análise, observar de que maneira tais conceitos, trazidos ao Brasil, por diferentes povos oriundos da África, se constituíram ao longo da História, remetidos ao início da formação de determinados grupos étnicos e que, aqui, são recuperados na ficção de Conceição Evaristo.

O ponto de partida da investigação, portanto, incide sobre a própria definição de ancestralidade, conceito discutido por Mary del Priore e Renato Pinto Venâncio (2004), em que o mesmo remete às diferentes linguagens, formas de ser-e-estar-no-mundo, que, desde há muito, africanos e africanas, trouxeram para o Brasil. Neste

sentido, evoca-se a própria diáspora africana no mundo, o que, de certa forma, engloba também uma visita ao “Pan-africanismo”, movimento político-ideológico focado na noção de raça e o conseqüente movimento “Negritude”, tido como uma força política de resistência em defesa da cultura negra e, portanto, de sua constituição histórica, pregressa, conforme Hernandez (2008).

Em seguida, apresentam-se as possíveis definições de ancestralidade e de identidade negra, contribuindo para mostrar de que maneira Conceição Evaristo se utiliza dessas temáticas para elaborar seus contos.

## **2 O Conceito de Identidade, Identidade Negra e Ancestralidade**

O *pan-africanismo* é um movimento político ideológico, que surgiu a partir da união dos povos africanos envolvidos na luta contra a violência racial. Sylvester Willians foi o primeiro a usar esse termo, o jovem advogado defendia os negros sul africanos contra a desapropriação de suas terras pelos europeus e conclamava que eles tinham direito à sua personalidade própria. Dessa contestação, surgiu uma consciência africana expressa no primeiro congresso Pan-africano, em Paris (1919), liderado por Du Bois, no qual anunciava que, no século XX, o racismo seria um dos grandes problemas. Depois dos acontecimentos do primeiro congresso pan-africano, surgiram outros, com o propósito de conclamar a formação de um movimento massivo para obter a independência da África. No Brasil, o primeiro resquício desse movimento surge, na década de 70, com o ativista Abdias Nascimento, defensor da cultura e dos direitos de igualdade para as populações afrodescendentes, propagando, dessa forma, a importância do Pan-africanismo no país.

O termo *negritude*, segundo Hernandez (2008), foi descrito pela primeira vez pelo poeta martinicano Aimé Césaire, em seu livro de poemas “Cahier d’un retour au pays natal”/”Caderno de um retornado ao país natal” (1938), sendo esse termo oriundo dos movimentos culturais em que participavam negros e brancos. Aqui, todos lutavam em busca do chamado “renascimento negro”, desde o século XIX, nesses anos de 1930, na qual se buscava a revalorização das raízes culturais africanas. O movimento negritude, além de ter como objetivo a restauração da dignidade e personalidade do homem africano, é tido, também, como um movimento propulsor da descolonização na África, em seu todo.

No Brasil, o conceito *negritude*, como afirmação da identidade negra/racial, segundo o pesquisador Peter Wade (2003) APUD Anani Dzidzienyo (2008; p.206), pode ter duas possíveis consequências, no mundo globalizado e neoliberal: fortalecer as desigualdades políticas e econômicas ou ajudar àqueles que se comprometeram a superar a desigualdade e a injustiça.

Para que se possa compreender melhor o conceito de identidade, talvez seja melhor partir das perspectivas da sociologia e psicologia, em que, por exemplo, Antônio da Costa Ciampa, pesquisador e doutor em psicologia e um precursor dos estudos sobre identidade como categoria da psicologia social, faz uso do que ele chama de materialismo histórico, em que se compreende que a identidade está em uma transformação continuada, que resulta temporariamente da relação entre a história pessoal de um indivíduo, seu contexto social e projetos, no qual o ser humano torna-se um personagem com um roteiro descrito pela sua cultura, sendo de fundamental importância, segundo o autor, para a construção identitária. Para ele:

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as ideias constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo uma questão social, uma questão política. (CIAMPA 1987, p. 127).

Assim sendo, a cada forma diferente de reorganizar personagens, o resultado será os diferentes modos de produção identitária. Portanto, para Ciampa, identidade é a conexão entre a igualdade e a diferença. Já para Dubar, pesquisador e sociólogo, o conceito de identidade é resultante do processo de interação social, ou seja, o indivíduo é analisado por outro indivíduo, conforme suas ações em relação ao sistema no qual estão inseridos, ou resultantes também de um processo biográfico, no qual se relaciona ao histórico de vida, projetos e habilidades de um indivíduo. Dubar afirma:

A divisão do Eu como expressão subjetiva da dualidade social aparece claramente através dos mecanismos de identificação. Cada um é identificado por outrem, mas pode recusar essa identificação e se definir de outra forma. Nos dois casos, a identificação utiliza **categorias** socialmente disponíveis e mais ou menos legítimas em níveis diferentes (designações oficiais de Estado, denominações étnicas, regionais, profissionais, até mesmo idiosincrasias diversas...). (DUBAR 1997, p. 137).

Nesse viés, Dubar reafirma que a identidade se constrói na relação para com o outro, mas que por outro lado, essa relação entre ambos os indivíduos se faz dificultosa, visto que não é possível ter como experiência os mesmos acontecimentos que outros indivíduos tiveram. Contudo, o autor atesta que, “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor é mais ou menos durável” DUBAR (1997, p. 104). Nessa perspectiva de construção e reconstrução, os pontos de vistas dos autores se aproximam quando afirma que a identidade é constituída nessa relação de atividades, sendo que nesse modo de pensar, a identidade é constituída por meio do outro, mas que por sua vez também pode ser criada, contendo em ambas a apropriação dos mesmos meios disponíveis.

O jamaicano Stuart Hall é outro pensador sobre o tema que segue a mesma linha de pesquisa, se diferenciando pelo interesse a identidade cultural, no qual, um de seus livros se denomina “Identidade cultural na pós-modernidade” que trata de questionamentos de identidade de cada um, a partir do “pertencimento” a diversas culturas étnicas, tanto de raça, religiosa ou linguística, contudo, nacionais. No entender do autor, as transformações vinculadas às condições da sociedade atualmente estão modificando as identidades pessoais, influenciando a ideologia de sujeito constituído que ele tem de si próprio. A contribuição de Hall dá conta de que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL 2006, p. 09).

Do ponto de vista de Hall, existem três tipos de identidades distintas, na qual fazem relação com as visões do indivíduo ao longo da história. *Identidade do sujeito do iluminismo* é a primeira classificação citada, em que expressa um prisma individualista do sujeito, distinguido pela centralização e uniformização, no qual predomina a capacidade de sensatez e de consciência. Dessa maneira, compreende-se sujeito como um vetor de um centro que aflora com o nascimento e que se mantém ao decorrer do seu desenvolvimento, de forma idêntica e

continuada. Na segunda, *identidade do sujeito sociológico*, traz a definição de que o sujeito molda sua identidade através do seu relacionamento com outras pessoas, partindo da complexidade do mundo moderno. Nesse ponto de vista, o indivíduo constitui sua identidade por meio da interação social, fazendo alternância entre o seu eu interno e o mundo externo. Hall afirma ainda que todas as pessoas possuem um núcleo interior que se constitui pelo meio social, sendo individual e social ao mesmo tempo.

Por último, expõe a concepção de *identidade do sujeito pós-moderno*, no qual o sujeito não possui uma identidade permanente ou fixa. Agora essa formação identitária é formada e transformada de maneira contínua, não se opondo às influências do sistema cultural no qual participa. Nessa perspectiva o indivíduo incorpora diversificadas formas de identidade se assumindo historicamente e não biologicamente, por vezes assume contextos contraditórios, de modo que suas ações são impulsionadas em diferentes direções, tornando sua identificação continuamente deslocada.

No caso específico da identidade negra, um dos pesquisadores mais contundentes, sobretudo no Brasil, é o professor e pesquisador Kabengele Munanga. Ele afirma ainda que cada fator tem sua importância e concorda que o *fator histórico*, por exemplo, se faz essencial para que um povo reencontre e se ligue com o seu passado ancestral.

A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la as futuras gerações. Também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizada. (MUNANGA 1988, p. 12).

Por seu pensamento, fica subtendido que a ancestralidade é de fundamental importância para essa constituição identitária, uma vez que a ancestralidade funciona de forma arraigada aos antepassados, aparentemente, de um modo biológico, mas, sem ignorar, pelo viés histórico, sua aplicação às heranças culturais herdadas, deixadas por esses antepassados, considerando as contribuições e evolução da comunidade ao longo de sua existência, voltado ao campo da memória individual ou coletiva, em diversos níveis, como por exemplo, aplicado aos dois campos de emprego em literatura, quais sejam, o linguístico e o psicológico.

Para o *fator linguístico*, sua importância se dá na comunicação religiosa, ou seja, uma linguagem exotérica, servindo como meio de comunicação entre humanos e deuses, que por sua vez constituem uma marca de identidade. Segundo o autor outras formas de linguagens ou comunicação foram criadas, tais como: estilo de cabelos, penteados, e musical que implica em outra forma de afirmação dessa identidade. Já o *fator psicológico*, traz a questão do temperamento entre negros e brancos, levando a indagação se essa poderia ser uma forma de afirmação ou não. Segundo o autor, caso essa marca exista, não deve ser pensada como diferenciação biológica, mas, sim explicada a partir das características sociais comunitárias e do condicionamento histórico do negro.

Segundo Munanga, quando se trata de pluralidade de contexto, percebe-se um pensamento desordenado, entre militantes e estudiosos, no que se refere à construção da identidade negra.

De que identidade se trata? Dessa identidade mítico-religiosa conservadas nos terreiros religiosos? Da identidade do grupo oprimido que vacila entre a consciência de classe e a de raça? Ou da identidade política de uma “raça” afastada de sua participação política na sociedade que ajudou a construir? Esta última, ainda em formação, que caracteriza a tomada de consciência da jovem elite negra politicamente mobilizada, me parece a mais problemática de todas. Nela se misturam os critérios ideológicos, culturais e raciais. Nesse caso, a situação do mestiço fica mais crítica ainda pela ambivalência racial e cultural da qual ele participa, e sua opção fica geralmente baseada em critérios ideológicos. Também nem todos que participam desse processo vivem plenamente os valores culturais negros. Mas, por causa da discriminação racial da qual todos são vítimas, quase todos se referem retoricamente aos valores culturais negros ou tentam recupera-los, pelo menos simbolicamente, como o mostra o discurso da negritude. (MUNANGA 1988, p. 14)

Munanga afirma, assim, dois problemas sobre identidade negra, sendo eles a cor e a acultura, dentro do contexto brasileiro. O primeiro questionamento é saber se os negros são capazes de construir sua identidade voltada a uma unidade, se valendo das características e da cor da pele em uma sociedade que não se assume mestiça, que se vale do branqueamento, fundamentado na mestiçagem biológica e cultural. Outro ponto de questionamento, segundo ele, seria a *Afro-descendência*, tornando-se evidente nos debates políticos e de cotas. Por fim, Munanga afirma que no seu ponto de vista, a identidade negra não deve ser entendida como uma divisão e luta dos oprimidos, mas deve ser uma busca por suas raízes e uma conscientização histórica e política colocando-se em pé de igualdade, condicionando uma luta coletiva por esse reconhecimento de si mesmo e de sua ancestralidade.

### 3 Literatura Negra-Brasileira

De forma geral, na literatura brasileira tida por “canônica”, homens e mulheres negros quase sempre tiveram uma construção negativa. Eduardo de Assis Duarte (2011), inclusive, denomina de casos de “negrismo” (DUARTE, 2011, p.28) às representações do tipo “Negrinha” (1890), de Monteiro Lobato, ou “Essa negra Fulô” (publicado pela primeira vez em 1928), de Jorge de Lima (2008), ou mesmo “Irene” (publicado pela primeira vez em 1913), de Manuel Bandeira (1993), em que a imagem do negro/negra é representada de forma passiva (aos desmandos sofridos), e/ou pejorativa, conformada em um *status* degradante.

Porém, nos tempos atuais, à conta do Pan-africanismo e o seu conseqüente movimento negritude, a representação do negro/negra vem se fortalecendo, ganhando publicações como os *Cadernos Negros* (início em 1978), editorados pela Quilombhoje, dedicados exclusivamente a autores afrodescendentes.

Em 1982, o grupo de autores, reunidos, passou a se denominar Quilombhoje, com o objetivo de ir adiante com o projeto inicial. Ano a ano, são publicados nos *Cadernos Negros*, poesias (ano par) e narrativas (ano ímpar), já tendo, inclusive, sido objeto de análise em publicações acadêmicas, nas universidades.

Iniciando-se na rota literária, é daí que surge a escritora Conceição Evaristo, dentre outros nomes.

Atualmente um dos grandes questionamentos envolvendo a literatura considerada negra ocorre, a partir da sua denominação: *Literatura negra, afro-brasileira* ou *afrodescendente*. Para Assis Duarte, o termo *literatura afro-brasileira* é o que melhor se encaixa no suplemento de sentido de literatura brasileira, pois tem um enquadramento amplo, compósito às várias tendências discursivas desse campo literário. Para ele, discussões teóricas acerca dessas denominações são bastante complexas; “literatura negra são muitas, o que no mínimo enfraquece e limita sua eficácia enquanto operador teórico, a par do inegável simbolismo político”. (DUARTE, 2011, p. 18).

Contribuindo com esse debate, Cuti, militante do movimento negro e escritor, dos mais frequentes nos “Cadernos Negros”, afirma que não concorda com o termo *afro-brasileiro*, mas, se afina, em partes, com Duarte, quando declara que é de suma importância incorporar essa literatura ao conjunto da literatura nacional, propondo o conceito de literatura *negro-brasileira* como a mais aceitável. Segundo o escritor:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em sus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do abito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. (CUTI, 2010 p.35-36).

Assis Duarte, de certa forma, parece estar de acordo, quando afirma que “ao se usarem esses termos, nos submetemos a um risco, sendo esses termos dotado de sentido analógico, assim como se faz com o signo “pardo” encontrado em estatísticas, como no IBGE, por exemplo” (DUARTE, 2011, p.20-30). Assim, o escritor retoma o conceito de literatura afro-brasileira como um termo mais abrangente, tanto étnico, como lugar de enunciação.

Desse modo, como anteriormente exposto por Cuti, Assis Duarte esclarece que a palavra “negro” faz menção àqueles que perderam sua identidade primária e que construíram outra frente, às suas lutas e conquistas, fazendo remeter à reivindicação, perante a real presença do racismo, remetendo ainda e também ao continente africano, por meio da cultura. “Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo”, conforme Duarte (2011, p. 40).

Em meio ao debate, a própria escritora Conceição Evaristo. Cujas obra é avaliada nesta pesquisa, aponta as dificuldades em tentar conceituar algo que, a seu ver, ainda está em andamento. Para ela,

Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 17).

Para Evaristo, apesar da subjetividade construída, a partir da condição do homem negro, ainda existem aqueles que refutam a subsistência de uma literatura negra brasileira, apegando-se a argumentos nos quais afirmam que a arte é universal, não considerando as experiências vividas por pessoas negras, uma maneira própria de produção literária. Assim, diante da abordagem acima, a expressão “Literatura Negra Brasileira”, considerando, a evolução da luta por um

lugar político (desde a propagação do “Pan-africanismo”, do “Movimento Negritude”, e da criação de um meio de exposição da literatura de afro-brasileiros, no caso, os “Cadernos Negros”, entende-se que a denominação aponta para um viés político de atitude compromissada e, de acordo com o crítico literário Domício Proença Filho (2004), “procura marcar a ultrapassagem do estereótipo e a assunção do negro como sujeito do seu discurso e de sua ação em defesa da identidade cultural. Nessa direção, ela seleciona autores e textos representativos produzidos notadamente, a partir dos anos de 1970, momento de efervescência dos movimentos de autoafirmação da etnia “.

#### **4 Olhos D'água: Um Olhar Reflexivo**

Para um bom entendimento de sua obra *Olhos D'água* (2014), é importante uma abordagem previa da história da autora. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasce (1946), numa favela de Belo Horizonte (MG), de onde parte para o Rio de Janeiro (1973), atuando no magistério e ingressando na Faculdade de Letras da UFRJ. Lá, fez Mestrado em Literatura (PUC-Rio) e Doutorado em Literatura Comparada (UFF). Na década de 1980, estabelece contato com o grupo *Quilombhoje*. Em 1990, os *Cadernos negros* publicam alguns de seus poemas. Com o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), Conceição Evaristo obtém consagração literária. Em 2006, lança o livro *Becos da memória*. Já em 2008, publica *Poemas da recordação e outros movimentos*.

Em seu livro *Olhos D'água* (ganhador Prémio Jabuti, 2014), Conceição Evaristo organiza uma série de narrativas, constituída por um total de 15 diferentes contos, que se entrecruzam em relação a sua temática, ao narrarem acontecimentos de violência e depreciação social, sofridas por homens e mulheres negras. EM âmbito geral, elas se retratam, em meio às trivialidades do cotidiano, mostrando que essas experiências são constantemente silenciadas.

Na obra citada, embora existam alguns protagonistas masculinos, exemplos: Di Lixão; Lumiá; Ardoça; o destaque está centrado em personagens femininas, onde muitas delas configuram parcial ou totalmente os títulos dos contos, através do uso de alguns nomes próprios (e sobrenomes). Dentre eles, podemos destacar: Ana Davenga ; Duzu-Querença; Maria; Luamanda; e Zaíta que, são, por vezes, as personagens principais e alvo das lembranças do narrador. Percebe-se que a obra

se encontra dividida nos dois enfoques distintos (ancestralidade e identidade), que se complementam, uma vez que, tanto a ancestralidade quanto a identidade negra se associam numa relação de simbiose, indo ao encontro das culturas africanas Banto e Iorubá, que são predominantes entre os afrodescendentes brasileiros, conforme o autor Bastide (1978 p. 407). Ambas funcionam como forma de inspiração para a denominação de alguns personagens, como por exemplo, Ayoluwa; Kimbá e Lumιά.

Como marcas desses dois temas, também convém destacar referências míticas africanas ao referir-se a Mãe Oxum, “Não, eu não quero essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tanta sabedoria.” (EVARISTO, 2014, p. 18). destaque no primeiro conto da obra.

Neste sentido, a relação com a mitologia, de forma direta ou indireta, pode referir também à diáspora africana, via pan-africanismo, no passado brasileiro e seu desenrolar no cotidiano atual. Essa primeira perspectiva encontra-se presente principalmente no primeiro (olhos d’água) e no último (Ayoluwa) conto do livro.

No primeiro (Olhos D’água), tem-se a busca pelo saber da cor dos olhos da mãe da personagem. Diferentemente dos outros contos, traz sua narrativa voltada na primeira pessoa e, portanto, o narrador é personagem. Dado que aspectos da biografia de Conceição Evaristo evocam algumas cenas muito parecidas com o que se narra no conto, é possível estabelecer uma aproximação entre a vida pessoal da autora que, aqui, parece ser trazida à tona, pela via da arte da escrita.

No conto, a incerteza da personagem sobre qual seria a cor dos olhos de sua mãe vem rodeada por lembranças, levando a personagem a regressar à cidade natal para defrontar-se com sua mãe e, com o cruzar dos olhares, possa finalmente descobrir a cor de seus próprios. Aqui, aparentemente, o leitor é chamado a aprofundar-se nas memórias da narradora e reviver a sua infância, marcada pela pobreza e momentos de dificuldades e privações, em que figura materna e protetora, que acalenta nos períodos de angústia, se eleva para além da dor material.

Esta mesma perspectiva também se dá no último conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo* em que se narra a história de crise de uma comunidade negra, até o momento do nascimento de Ayoluwa, “aquele que veio para trazer alegria para o nosso povo” (EVARISTO, 2014, p.111), quando se renova a esperança de dias vindouros. Narrado em primeira pessoa, revela, aparentemente, a coragem do narrador em sair do anonimato, pondo em evidência o esforço em esboçar uma

identidade comunitária, que segundo Bernd (1988), isso ocorre quando o eu individual se uni ao nós coletivo na tentativa de esboçar essa identidade comunitária, compartilhando angústias e anseios, apresentando por sua vez, uma forte hereditariedade que tenta transmiti à geração seguinte, em destaque nas seguintes passagens: “A noite quando nos reunimos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão vinha de nossos lamentos”. (EVARISTO, 2014, p.113). “E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada a vida pelas mãos dos nossos ancestrais”, (EVARISTO, 2014, p.113-114), situação que revela tanto a marca de ancestralidade, como a de identidade negra, visto que Conceição por meio da nomeação e caracterização dos personagens que compõe a comunidade explicita o papel desempenhados por eles, se utilizando desse artifício para explanar os vários elementos que compõe a cultura afro-brasileira: “E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquele que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conchedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele”.noutro exemplo e a descrição da personagem Bamidele, que significa “a esperança” (EVARISTO, 2014, p.114). Nessa perspectiva, ao se proclamar negro e colocar em evidência essa identidade, o “eu” narrador não é mais objeto da escrita, ele se torna sujeito, contando as aflições de sua comunidade, falando por si mesmo.

Os demais contos apresentam um enraizamento nas questões de identidade e ancestralidade negra, apesar de seus destaques estarem voltados para representação da violência e outras temáticas decorrentes desta, como estupros, mortes, fome, dentre outras. Apesar da característica marcante de violência urbana, Conceição Evaristo consegue passar para o leitor, as durezas das cenas descrevendo-as de tal forma, que remete a uma expressão formulara por Assis Duarte quando se refere a tal como “brutalismo poético” (CRUZ, 2015).

No conto *Duzu-Querença*, retrata-se a dura realidade das pessoas marginalizadas. Nesse enredo, narrado em 3º Pessoa, é descrito o cotidiano nas favelas, dando evidência à sujeira e à pobreza da mundividência das pessoas que habitam tal lugar. Ali, “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas” (EVARISTO, 2014, p.31), acentuando, também, a tênue relação existente entre centro e periferia, numa relação de dominante e dominado: “Um homem passou e

olhou para a mendiga, com asco. Ela devolveu um olhar de zombaria”. O trato dessas distintas realidades é conflituoso, pois existe uma aparente não aceitação recíproca do diferente, podendo ser percebida, na ação do passante, uma confusão entre diferença e inferioridade. Além disso, é notória a exposição da mulher negra como uma quase escravizada, na atualidade, visto que lhe é reservado o serviço doméstico, mantendo a relação desigual entre patrão-empregado.

Em *O Cooper de Cida*, a narrativa em 3<sup>o</sup> Pessoa gira em torno do dia a dia corrido das cidades grandes. Cida, uma jovem saída do interior, com um estilo de vida mais ameno, bem diferente da cidade grande, se vê em um ritmo de trabalho e estudo, com pouco tempo livre. Nesse conto Conceição Evaristo faz uma simbologia com a água, pois é por meio desta que a personagem é levada a repensar o seu cotidiano, quando, ao olhar para o mar, compara o ir e vir das ondas como sua rotina diária: “Cida desejou se lançar no mar à procura de algo que ela não encontrava cá fora. Dizem que o fundo do mar abriga riquezas e mistérios. Ela lembrou-se que já passava da hora de voltar para casa. Era preciso continuar suas ações rotineiras”. (EVARISTO, 2014, p. 69).

*Beijo na face* é narrado em 3<sup>o</sup> pessoa e com onisciência, no qual mostra todos os pensamentos e as lembranças de uma noite amorosa, tendo como protagonista a personagem Salinda. Conceição Evaristo expõe nesse conto a falta de amor em um mundo controlado pelos homens: “A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos” (EVARISTO, 2014, p.52). Nesse meio, confluem, de forma intercalada, prazer e amor, em que o homem não está incluído, formando uma contraposição entre o erotismo homossexual e a família monogâmica heterossexual, alheia de desejo e afeto. “Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos, Salinda perdeu o chão. Habituada ao amor que pede e permite testemunhas, inclusive nas horas do desamor, viver silente tamanha emoção, era como deglutir apropriada boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas. E porque não gritar, não pichar pelos muros, não expor em outdoors a grandeza do sentimento? Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar somente” (EVARISTO, 2014, p.52). “Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais” (EVARISTO, 2014, p.57).

As análises dos contos marcam, predominantemente uma recorrência, tanto das marcas de afirmação da identidade, quanto da ancestralidade. De forma geral,

os contos estão, de fato, intimamente ligados à cultura afrodescendente, uma vez que Evaristo (2014) coloca, em seus escritos, uma predominância de personagens negros/negras, em situações de marginalidade, evocando o passado, via da memória, pois, em sua temática, a autora frequentemente faz um paralelo dialogal com a identidade negra de seus personagens e a ancestralidade, como é perceptível nos contos *olhos d'água* e *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, em relação aos seus personagens. decorrentes das transmissões de conhecimento de um povo para as futuras gerações. Tais peculiaridades são próprias aparentemente da escrita de Evaristo, além de manifestar traços de oralidade, uma vez que, segundo Laura Padilha (2007), narrar/contar é um ato de resistência do nativo perante a imposição da cultura europeia, sendo que para os povos de origem africana contar histórias é uma forma de se libertar, emitindo por meio desse contar um simbolismo cultural.

Dessa forma ao narrar suas histórias a autora se dá ao direito de escrever de modo que se aproxime mais do seu leitor, não se obrigando a escrever conforme as regras da norma culta.

## **6 Conclusão**

A obra “Olhos D’água” apresenta ligações com debates contemporâneos, sobre Ancestralidade e identidade negra. A compreensão da identidade como processo em sua obra leva em consideração pode haver certa ambiguidade ente a escrita de Evaristo e sua vida pessoal, como Mulher negra e militante da causa, já que ela também participa dos movimentos de militância do movimento negro.

Nos contos, a autora ascende pontos peculiares e específicos da cultura africana, dentre eles, a oralidade. Com efeito, a autora revela, em sua escrita, uma poética que busca efetivar a afro-descendência/marcas de ancestralidade no processo de afirmação da identidade negra.

Os textos, somados, possibilitam a reflexão sobre o valor da busca “as raízes negras”, ficando evidente a contribuição da ancestralidade na constituição de uma identidade negra em sua obra, permitindo que o negro/negra deixem seu papel de objeto e passando sujeitos de suas palavras. Com destaque para as questões sociais referentes às mulheres negras, os contos vão, desde o seu lugar no mercado de trabalho, até sua intimidade e sexualidade, abordando temas como centro e

favela, no qual “favela” é atribuído a um local onde as pessoas são colocadas por outros, pela suposta maioria.

Os personagens não negam sua identidade negra, apresentada, muitas vezes, “a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira.” (EVARISTO, 2009 p. 19-20).

De forma crítica, sua obra está pautada em uma literatura que busca modificar o discurso centralizador que apresenta o branco em posição superior, privilegiando-o. Neste sentido, ela faz isso: coloca o negro numa posição de inferioridade, mas, transformando-o, por meio de seus contos, violência em poesia, propagando dor através da linguagem. Assim sendo, “os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009 p. 27)

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. Irene. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1993, p.220.

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1978.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura negra**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CRUZ, Adécio de Sousa. Revelações de *Olhos D'água*. **Jornal o Tempo**. Disponível em:<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/revela%C3%A7%C3%B5es-de-olhos-d-%C3%A1gua-1.1019389>. Acesso em 04/12/2017.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo. Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis Duarte; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo. Horizonte: Editora UFMG, vol. 4 (História, teoria, polêmica), 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis Duarte. Literatura e afrodescendência. In: DUARTE, Eduardo de Assis Duarte (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Ed.UFMG,. Vol.1 (Precusores), 2011, p 28-48.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. Em **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto Editora, 1997.

DZIDZIENYO, Anani. África e diáspora: lentes contemporâneas, visitas brasileiras e afro-brasileiras. In: **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo negro, 2008, p.205-232.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem, 2009, p. 17-31.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas. Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. vol.18, no.50, São Paulo Jan./Apr, 2004. Disponível em: [http://www.ecielo.br/scielo.php?script=eci\\_arttext&pid=S0103](http://www.ecielo.br/scielo.php?script=eci_arttext&pid=S0103). Acesso em 04/12/17.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Edição. São Paulo: DP&A, 2006. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=HALL%2C+Stuart.+\(2006\).+A+identidade+cultural+na+p%C3%B3s-modernidade.+11%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o.+S%C3%A3o+Paulo%3A+DP%26A.&oq=HALL%2C+Stuart.+\(2006\).+A+identidade+cultural+na+p%C3%B3s-modernidade.+11%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o.+S%C3%A3o+Paulo%3A+DP%26A.&ags=chrome..69i57.632i0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#](https://www.google.com.br/search?q=HALL%2C+Stuart.+(2006).+A+identidade+cultural+na+p%C3%B3s-modernidade.+11%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o.+S%C3%A3o+Paulo%3A+DP%26A.&oq=HALL%2C+Stuart.+(2006).+A+identidade+cultural+na+p%C3%B3s-modernidade.+11%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o.+S%C3%A3o+Paulo%3A+DP%26A.&ags=chrome..69i57.632i0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#). Acesso em 31/10/17.

HERNANDES, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. 4º. Ed. – São Paulo: selo Negro, 2008.

LIMA, Jorge de. Essa negra Fulô. In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguillar, 2008.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Negrinha**. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1923.

LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE: Usos e Sentidos**. 2º edição. Editora Ática: Serie Princípios, 1988.

PADILHA, Laura. **Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à História da África Atlântica**; 9ª edição. Rio de Janeiro: Enselvier, 2004.